

A FORÇA CRIADORA DO CONFLITO ÉTICO - NUMA SOCIEDADE EM CRISE -

Carmelita Leonilda Agrizzi

Doutora em Ciências da Educação Jaén /Assunção- UAA/ Espanha

Carmelita@censanet.com.br

RESUMO

A ética tem sido um dos temas mais difundidos e constantemente usados na linguagem contemporânea, seja na literatura especializada ou na fraseologia política ou na comunicação de massa. Esta reflexão quer aprofundar e consolidar a reflexão ética, frente à urgência da vivência ética atual, como também pretende ser uma contribuição, embora limitada e modesta, para a discussão dos grandes problemas, cingindo à questão dos fundamentos da Ética. Frente à Era do Vazio, do gozo desenfreado e libertário do individualismo questiona-se: ‘Nossas sociedades liberais são fadadas a ser apenas comunidades sem fé nem lei, sem projetos nem moral? ‘Morte da moral? Morte dos valores? Que ética para hoje? Que ética para a família? O momento estrutural do dinamismo histórico traz a exigência de uma criação ética superior. Crê-se que o decisivo é o ser humano, o ser concreto com nome e sobrenome, que se relaciona, que constituiu família, co-autor da civilização universal. Com o objetivo de refletir sobre os valores humanos o trabalho, utilizou como recurso metodológico, uma análise bibliográfica focalizando a ética como condição imprescindível para a vida humana, consequentemente a sobrevivência da família. A sustentação teórica contribuiu para a verificação e constatação da importância da ética no cotidiano familiar. Viver eticamente seria utópico demais para os tempos atuais!? Que ética para hoje?

Palavras chave: Ética; Comunidade; Crise; Transgressão

INTRODUÇÃO

Do ponto de vista da estrutura social, o indivíduo não se apresenta como molécula livre, movendo-se desordenadamente num espaço sem direções e regido, apenas, pela lei da probabilidade do choque com outras moléculas – os outros indivíduos. Uma cadeia complexa de mediações ordena os movimentos do indivíduo no todo social e, entre elas, desenrolam-se as mediações que integram o indivíduo ao *ethos*: os hábitos no próprio indivíduo e, na sociedade, os costumes e normas das esferas particulares nas quais se exercerá sua práxis, ou seja, trabalho, cultura, política e convivência social. Como afirma Lima Vaz: “*O indivíduo trabalha e consome, aprende e cria, reivindica e consente, participa e recebe*”. Somente uma personalidade ética excepcional é capaz de viver o conflito ético nas suas implicações mais radicais e tornar-se anunciadora de novos paradigmas éticos, como foi o caso na vida e no ensinamento de Buda, Sócrates e de Jesus”. O indivíduo ético torna-se capaz de dar razão de seu ser e de seu agir. Com efeito, a cultura é o espaço onde o *ethos* se explicita formalmente na linguagem das normas e valores e se constitui como tradição. *O contexto familiar é espaço de relação e expressão dos valores*. Na situação atual da família que se ausenta das mediações das novas informações da tecnologia permitindo um espaço vazio na formação dos valores éticos que serão incorporados nas estruturas psíquicas das pessoas que compõem a “célula mater” da sociedade, que cidadão ético surgirá desta estrutura familiar? Como romper esta situação extremamente arraigada nesta sociedade? A própria transgressão testemunha esses valores que prorrompem e ao mesmo tempo anunciam a chegada de um novo mundo de valores. É diante dessa realidade positiva da transgressão que a força criadora do conflito ético se apresenta clara e irresistível, descobrindo, na sua raiz, a própria natureza do *ethos*. O *ethos*, conseqüentemente, não é senão o corpo histórico da liberdade e o traço do seu dinamismo infinito e inscrito na finitude das épocas e das culturas.

Conforme Lima Vaz “O fato incontestável de que a religião se apresenta, em todas as culturas conhecidas, como a portadora privilegiada do ethos, é uma ilustração eloqüente do necessário

desdobramento do ethos em tradição ética. O ethos como lei, é verdadeiramente a casa ou morada da liberdade” (Lima, 1993).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É interessante notar que as grandes revoluções que iluminaram o percurso da nossa civilização encontraram legitimação histórica na proclamação de objetivos ancorados em valores universais como os direitos humanos, o progresso, a fraternidade entre as pessoas, a paz entre as nações, por conseguinte o fim das alienações.

Visto que a modernidade não é, aparentemente, guiada por nenhuma nuvem luminosa, como aquela que precedeu o caminho de Moisés no deserto, agora sobre o céu parece estender-se uma nuvem escura à semelhança da qual cobriu a rota dos navegadores lusíadas na hora de dobrar o Cabo Tormentoso. Terá chegado o momento da Modernidade atravessar o seu Cabo Tormentoso? Chegou o momento de ultrapassar o espaço de sombra do niilismo ético.

A crise da humanidade resulta da profunda distorção sofrida pela estrutura da práxis ética no curso da sua efetivação histórica como práxis do homem moderno. Tal práxis se mostra como uma práxis que se absolutiza como operar técnico. A humanidade através de sua experiência milenar vivenciou formas de comunidades éticas como a família, grupos religiosos, clãs, unidades nacionais, onde o indivíduo podia encontrar não só a satisfação para as suas necessidades materiais, mas uma resposta às necessidades simbólicas.

Não caberia aqui uma discussão filosófica suficientemente aprofundada e completa da grande interrogação que paira sobre a reflexão ética do nosso tempo. Talvez, no entanto, seja possível indicar alguns elementos essenciais de uma resposta, se nos dispusermos a fazer uma breve reflexão sobre a estrutura objetiva que permitiu às comunidades humanas ao longo da história apresentar-se como comunidades éticas.

A expansão e o predomínio da ideologia individualista constituem-se em obstáculos aparentemente intransponíveis à integração do indivíduo na sociedade civil como na sociedade nuclear denominada família. Nossos tempos assistem à hipertrofia seja na forma de uma exarcebção do indivíduo, seja na separação cada vez maior e mais profunda entre sociedade civil e Estado, entre indivíduo e grupo.

Do ponto de vista da estrutura social, o indivíduo não se apresenta como molécula livre, movendo-se desordenadamente num espaço sem direções privilegiadas e regido, apenas, pela lei da probabilidade do choque com outras moléculas – os outros indivíduos. Uma cadeia complexa de mediações ordena os movimentos do indivíduo no todo social e, entre elas, desenrolam-se as mediações que integram o indivíduo ao ethos: os hábitos no próprio indivíduo e, na sociedade, os costumes e normas das esferas particulares nas quais se exercerá sua práxis, ou seja, trabalho, cultura, política e convivência social.

Mesmo no mundo de hoje o indivíduo tem a possibilidade de se ‘libertar’ das amarras que o oprimem na sociedade capitalista; podendo formular projetos para sua auto-realização e ser livre como cidadão para inscrever sua história na humanidade.

O conflito ético coloca o indivíduo frente ao apelo que surge das exigências profundas e aparentemente paradoxais do ethos: o de lançar -se no risco de um novo e mais radical caminho da liberdade e o de renunciar e abandonar a segurança protetora das formas tradicionais do ethos. A idéia de transgressão que perpassa a ética neotestamentária e que encontra sua expressão máxima na palavra de Jesus: ‘Quem quiser pois, salvar sua vida a perderá, mas quem perder sua vida por minha causa e da Boa Nova, a salvará’ (Mc 8, 35; Mt 11,39; Lc 9,24; Jo 12,25).

Portanto, neste movimento do ethos, a transgressão não é a resultante de tal movimento, mas o transbordamento de uma plenitude de liberdade que os limites do ethos, socialmente estabelecido, não podem conter.

A própria transgressão testemunha esses valores que prorrompem e ao mesmo tempo anunciam a chegada de um novo mundo de valores. É diante dessa realidade positiva da transgressão que a força criadora do conflito ético se apresenta clara e irresistível, descobrindo, na sua raiz, a própria natureza do ethos. O ethos, conseqüentemente, não é senão o corpo histórico da liberdade e o traço do seu dinamismo infinito e inscrito na finitude das épocas e das culturas. O ethos como lei, é verdadeiramente a casa ou morada da liberdade.

No mundo moderno, o sistema de costumes não é mais suficiente para justificar o agir dos indivíduos, a identidade social não pressupõe mais a unidade do ethos como dada, mas como algo a ser

alcançado. A comunidade ética passa a ser um fim e a ética, a ser a ciência que se organiza segundo as condições pelas quais podemos definir a comunidade ética como projeto histórico.

No decorrer da experiência milenar das sociedades humanas logrou constituir, no curso de sua história, formas diversas de comunidades éticas tais como: família, clãs, grupos religiosos, unidades etnoculturais, unidades nacionais, em que os indivíduos podiam encontrar, além da satisfação para as suas necessidades materiais, uma resposta razoável às suas necessidades simbólicas. Contudo, ocorre o enfraquecimento e a dissolução das últimas comunidades éticas devido às grandes transformações das sociedades modernas (Lima, 1997).

É interessante notar que as grandes revoluções que iluminaram o percurso da nossa civilização encontraram legitimação histórica na proclamação de objetivos ancorados em valores universais como os direitos humanos, o progresso, a fraternidade entre as pessoas, a paz entre as nações, por conseguinte o fim das alienações.

Conforme Lima Vaz a crise (o enigma) da humanidade resulta da profunda distorção sofrida pela estrutura da práxis ética no curso da sua efetivação histórica como práxis do homem moderno. Tal práxis se mostra como uma práxis que se absolutiza como operar técnico. Portanto, “ela reivindica para si a dignidade de um princípio e fundamento dos fins por ela estatuídos, das normas que a regem e dos valores por ela preconizados” (Lima, 1997). Diante de tal enigma o homem da modernidade percebe a impossibilidade de instaurar uma Ética universal no momento em que se difundem e predominam práticas civilizatórias – ou tidas como tais – apresentadas como efetivamente universais (basta pensar na difusão mundial da comunicação), que reclamam um código ético, e exigem sua prática permanente como ethos normativo do seu operar.

Tal separação entre Ética e Civilização apresenta-se como expressões da mesma subjetividade moderna, pois ambas possuem a mesma atitude fundamental de objetivação e de exploração da natureza, que não é incluída no pacto social, pois se nega a ela subjetividade e alteridade. Esta subjetividade moderna, tanto numa versão quanto na outra, não nos fornece critérios seguros para responder a questões coletivas derivadas da globalização, da nova geossociedade, das ameaças que pesam sobre a Terra e a humanidade. A carga de interesses particulares de um e de outro projeto ofusca a visão da globalidade. O afã de agilizar todos os meios produtivos na perspectiva da acumulação, seja apropriada privadamente (capitalismo), seja coletivamente (socialismo), sem, contudo, considerar os recursos limitados da Terra e seu frágil equilíbrio ecológico, transformou os meios produtivos em meios altamente destrutivos da natureza e da biosfera.

Uma vez que a sociedade encontra-se incapaz de instaurar uma Ética universal, a civilização ocidental, levada a expansão mundial que a configurou como primeira civilização universal, acabou numa crise profunda, identificada como civilização sem ethos que fosse o princípio vital da sua unidade e do seu sentido, portanto incapaz de formular uma ética que codificasse este ethos. Lima Vaz apresenta problemas que desafiam o pensamento social e o político contemporâneo. O problema do reconhecimento, ou seja, do conhecimento do outro numa relação de reciprocidade que possibilita a sua aceitação no mesmo nível de universalidade, na medida em que ambos se apresentam como portadores dos mesmos direitos e dos mesmos deveres.

Lima afirma: “Se, depois de transformações tão profundas do espaço natural e do espaço mental do homem moderno, o Princípio não se mostra mais visível na ordem da Natureza, segundo o modelo da *scala creaturarum*, será talvez na presença do *outro* como *alter ego* que ele deverá transluzir. Então sua transcendência se manifestará como a do *Outro* absoluto, portanto irredutível à imanência do sujeito e, no entanto, dele infinitamente próximo, pois se faz presente em toda forma de reconhecimento e, exemplarmente, na reciprocidade oblativa do amor. Como Max Scheler, ao abrir justamente caminho para essa reflexão personalista que iria colocar o problema do reconhecimento no centro do pensamento ético, já observara no princípio do século, a tradição cristã guarda aqui a riqueza de uma palavra – *Deus é amor* (Lima, 1997) - que poderá, no milênio, ser a luz de um dia mais humano para os homens reunidos numa civilização universal enfim viável” (Lima, 1997).

METODOLOGIA

Com o objetivo de refletir o conflito ético nas suas implicações mais radicais, sobre os valores humanos, o presente trabalho, utilizou como recurso metodológico, uma análise bibliográfica que teve como ponto de referência o filósofo Henrique Lima Vaz que focaliza a ética como condição imprescindível

para a vida social, conseqüentemente a sobrevivência da família. A sustentação teórica contribuiu para a verificação e constatação da importância dos valores nas relações cotidianas no âmbito familiar e nas políticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre todas as disciplinas filosóficas, talvez, nenhuma como a Ética viva permanentemente das lições da história. Desta forma, a Ética recebe do contexto vigente de todos os tempos não apenas os grandes temas e categorias que constroem sua estrutura, mas também, os critérios hermenêuticos e as instâncias críticas que fazem refletir, à luz de uma multissecular experiência do pensamento, os problemas e desafios da práxis humana ao longo dos tempos. Esta reflexão inicia-se com a fenomenologia do ethos que acentua a história e busca dar forma e organização lógica exigida pela interpretação racional do ethos. Não se trata de uma reflexão da história do pensamento ético, mas se crê ser esta reflexão indispensável para que se entenda o caminho realizado pela ética no contexto histórico-social, com a finalidade de tornar a práxis humana explícita, razoável e sensata.

O caminho de volta à tradição não é um refúgio no passado, mas sim o desafio do presente vivido, que interpela a rememorar o passado.

Desta forma, a necessidade imperiosa da filosofia vem ao encontro da humanidade, que é interpelada a repensar o que vive e a intervir na realidade, sob pena de não reconhecer mais nem o mundo, nem as formas da vida da sociedade; sob pena de rumar para aquele ponto de ausência de sentido que sempre dá lugar a atos brutais de negação da existência e da vida enquanto tal; e sob pena, ainda, de que as futuras gerações não nos perdoem pela vida que não poderão viver.

Portanto, esta reflexão pretende contribuir para um pensar o sentido da existência humana, sobre os princípios de nossas ações e sobre quais formas de organização da vida coletiva atende a critérios de justiça social.

Assim, se poderá viver novos dias históricos, iluminados pelo ethos, no qual a autêntica experiência comunitária venha florescer como o Bem mais precioso da civilização universal, onde será possível exclamar: ressurreição de valores!

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2001.

_____. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Brasília: Letraviva, 2000.

KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993.

LIMA VAZ, Henrique C. de. **Escrito de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. Loyola: São Paulo, 1997.

_____. **Escritos de Filosofia II: ética e cultura**. Loyola: São Paulo, 1993.

_____. **Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética** Filosófica 2. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. (orgs.). **Correntes Fundamentais da ética Contemporânea**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000.

PEGORARO, Olinto A. **Ética e Bioética**. Petrópolis: Vozes, 2002.